

Textures

ISSN : 2971-4109

Éditeur : Université Lumière Lyon 2

20 | 2010

Poétique de l'écriture d'une expérience de guerre

Uma geração de actores da História e de escritores de histórias

Carlos Vale Ferraz

🔗 <https://publications-prairial.fr/textures/index.php?id=75>

DOI : 10.35562/textures.75

Référence électronique

Carlos Vale Ferraz, « Uma geração de actores da História e de escritores de histórias », *Textures* [En ligne], 20 | 2010, mis en ligne le 23 novembre 2022, consulté le 02 octobre 2026. URL : <https://publications-prairial.fr/textures/index.php?id=75>

Droits d'auteur

CC BY 4.0



Uma geração de actores da História e de escritores de histórias

Carlos Vale Ferraz

PLAN

Quem escreve

Apoiantes do regime de Salazar/Caetano e da sua política colonial

Oposicionistas

Participantes

O que se escreve

TEXTE

- 1 Não há escritas neutras. Todas as literaturas pertencem a um dado mundo e expressam um ponto de vista. Felizmente que é assim. A cultura vive da interpretação que os homens fazem dos seus valores, tradições e aventuras e está associada à História.
- 2 Isto para dizer que a literatura sobre a guerra colonial portuguesa tem dois lados : o dos escritores portugueses escrevendo sob um ponto de vista de portugueses, literatura portuguesa, e o dos que escrevem sob o ponto de vista dos africanos que lutaram contra os portugueses, literatura nacional dos respectivos países. Este texto é sobre literatura portuguesa, expressa o ponto de vista dum autor português que participou na guerra colonial e que, confrontado com essa experiência, ganhou a convicção que ela não podia ser ganha.
- 3 Aquilo que podemos designar como a tomada de consciência sobre a guerra colonial é, no meu caso, em primeiro lugar uma convicção baseada no que observei nos teatros de operações de Angola, Guiné e Moçambique, da impossibilidade de obter uma vitória, da possibilidade duma derrota.
- 4 A minha tomada de consciência começa com uma « análise da situação militar » e só depois evolui para uma tomada de consciência política assente em três pontos :

-

A ilegitimidade do regime político português – a ditadura de Salazar/Caetano ;

- A sua incapacidade para encontrar uma solução política para o problema colonial ;
- A injustiça inerente à situação colonial de não reconhecimento dos direitos dos povos africanos das colónias à sua independência.

- 5 É um percurso comum que partilhei com muitos outros militares da minha geração e nos levou a derrubar o regime e a fazer a revolução do 25 de Abril. Primeiro enfrentámos a realidade da guerra e a consciência política foi ganha nela.
- 6 É certo que, entre os portugueses que escreveram sobre a guerra colonial, existe uma banda larga de pontos de vista que vai desde os que não reconheceram sequer a qualidade de ser humano aos adversários até aos que os apoiaram nas suas revoltas e lutas pela dignidade e pela independência, mas essa pluralidade não anula o facto, para mim evidente, de que existe um ponto de vista do colonizador e um ponto de vista do colonizado.
- 7 Mesmo que o colonizador seja a favor dos direitos do colonizado, ou o colonizado seja aliado do colonizador, essa diferença radical mantém-se e é sempre reflectida na escrita.
- 8 De facto, não podemos pensar como o outro. Quando muito, podemos imaginar como o outro pensa. O lobo pode vestir a pele do cordeiro, mas não pode ser o cordeiro. Esta distinção, que assumo, talvez seja a mesma que distingue a literatura feita por mulheres e por homens. Não estou certo que exista uma literatura de mulheres e outra de homens, mas se essa diferença existe, estou certo que ela é menor do que a diferença entre a literatura do colonizador e a do colonizado.
- 9 Uma outra nota : Quando refiro literatura incluo a ficção, romance e novela, a poesia, o ensaio e a história. A separação dos géneros literários tornou-se um problema de tão difícil resolução que não me atrevo a ir mais além que falar de autores ou escritores. Deixo a cada um deles definir-se como romancista, novelista, poeta, ensaísta, historiador, até jornalista, e aos teóricos classificá-los.
- 10 Aquilo que constitui o corpo central do que penso sobre a literatura portuguesa que tem por base temática a guerra colonial – a minha

tese – é que ela apresenta características próprias que a individualizam dentro da literatura portuguesa e a distinguem de outras literaturas sobre o tema da guerra. Isto é, que essa literatura e os seus autores, apesar das diferenças de estilo, de técnicas, de sensibilidades políticas e ideológicas, apresentam um elevado grau de unidade na abordagem desse tema.

- 11 Estas particularidades podem ser apreendidas através da análise resultante das respostas às perguntas :
- **Quem escreve?** – o que conduz à discussão sobre a existência (ou não) duma geração de escritores da guerra colonial;
 - **O que se escreve?** – o que implica procurar os traços comuns da literatura portuguesa sobre a guerra colonial.

Quem escreve

- 12 Dum modo geral, podemos dizer que quem escreve e escreveu pertence a uma geração de homens e mulheres que participaram na guerra colonial, que foram actores da história, que de algum modo nela intervieram.
- 13 O facto da imensa maioria dos escritores da guerra colonial ser participantes dela é uma característica decisiva, marcante : é uma escrita sobre o que os autores viveram. É uma escrita, como diria Camões, que resulta de « um saber de experiência feito ». É uma literatura presencial.
- 14 Embora os mesmos actores e autores possam ter participado de várias formas na guerra, podemos dividi-los enquanto autores em grandes grupos :

Apoiantes do regime de Salazar/Caetano e da sua política colonial

- 15 São escritores, como Reis Ventura e Armor Pires Mota, que fazem a apologia da política colonial portuguesa, das suas soluções de « Defesa do Ultramar », da guerra que a sustentava e das suas acções

militares. Foram, logicamente, aqueles que tiveram a oportunidade de publicar durante a guerra.

Oposicionistas

- 16 Os que participaram desde cedo na contestação política do regime de Salazar/Caetano, que foram oposicionistas à ditadura que conduziu Portugal ao impasse histórico da guerra colonial.
- 17 São maioritariamente estudantes universitários que participaram nas lutas estudantis que tiveram as suas crises em 1962, 1969, 1973.
- 18 Entre este grupo podemos distinguir os que, apesar de oposicionistas, participaram na guerra – como Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, Martins Garcia – e os que optaram por desertar, ou dela ficaram livres, como Mário de Carvalho. São homens e mulheres que, à partida, têm já uma forte consciência política.

Participantes

- 19 Os que participaram de algum modo na guerra que durou 14 anos e que dessa experiência retiraram a matéria-prima para se fazerem escritores.
- 20 É o grupo mais numeroso e nele encontramos adeptos da guerra e oposicionistas.
- 21 Encontramos os que fizeram a guerra como combatentes em unidades de combate, incluindo as forças especiais, e militares dos serviços, não directamente envolvidos em combate.
- 22 Encontramos militares profissionais e militares do serviço militar obrigatório, maioritariamente oficiais, alguns sargentos, muitos raros soldados, o que corresponde ao grau de literacia, aos hábitos culturais, à facilidade de expressão e de acesso aos meios de comunicação dos três grupos da hierarquia militar.
- 23 Nos anos logo após a revolução, década de 80, esses escritores tinham sido maioritariamente oficiais « milicianos », alferes, durante a guerra – uma literatura de alferes – assim a classificou Rui Teixeira no seu livro *A Guerra e a Literatura*, mas aos poucos surgiram cada

vez mais obras de militares profissionais – neste caso militares que fizeram a guerra como capitães.

- 24 Os primeiros têm uma escrita muito politizada, muito centrada na maldade intrínseca da guerra, nos sofrimentos individuais, onde a guerra surge como um « azar na vida », e os segundos tendem a teorizar sobre a guerra, diluindo as causas da guerra e as suas consequências individuais no fenómeno geral da guerra.
- 25 Quanto aos sargentos e soldados, com excepção de Vicente do Carmo, um sargento pára-quedista, só agora começam a surgir obras deste grupo. Obras curiosas, que em muitos casos aproveitam as potencialidades das novas tecnologias, da Internet, para se expressarem. É uma literatura de homens que recordam os factos da sua « comissão ». Muito próxima dos factos que viveram. Têm títulos como : *A minha Comissão*, *A minha Companhia*, que incluem por vezes o número oficial da sua unidade, do género : *Companhia de Caçadores 1333*, ou o seu lema : *Os Leões do Niassa*, por exemplo.
- 26 Encontramos ainda as mulheres que acompanharam os homens mobilizados, como Lídia Jorge e Joana Ruas, ou que eram originárias de África, como Wanda Ramos.
- 27 Lídia Jorge esteve na Beira, em Moçambique, onde situou o seu *A costa dos Murmúrios*, Joana Ruas em Timor e escreveu o magnífico *Corpo Colonial*.
- 28 Independentemente das suas posições ideológicas o que une estes homens e mulheres e permite classificá-los como uma « geração » é o facto de terem vivido um tempo marcado por um grande acontecimento e de o terem elegido como tema central, ou inicial, da sua obra.
- 29 Desse tema, a guerra colonial, considerando como guerra colonial não só as acções militares, mas também as suas causas, a ideologia, a administração, as consequências individuais e colectivas, políticas, sociais e psicológicas fizeram em conjunto, mesmo que involuntário, um corpo literário que, em minha opinião, será considerado no futuro como um capítulo da literatura portuguesa do século XX.
- 30 Embora muitos desses autores tenham evoluído para outras temáticas, a guerra colonial foi o seu ponto de partida e está, mesmo

que de forma subtilmente encoberta, presente nas suas obras posteriores.

- 31 Podemos interrogar-nos se esses autores não escreveriam mesmo que não tivessem vivido a experiência da guerra e a resposta é que talvez escrevessem, que talvez fossem escritores, mas talvez não fossem todos os que hoje o são e, seguramente, não escreveriam o que escreveram e não escreveriam como escrevem sem essa passagem pela guerra.
- 32 Uma outra questão é sabermos se esses escritores sentem essa pertença a uma geração e a uma temática. Muitos dirão que não. Mas essa recusa tem mais a ver com o modo como cada um se vê e revê no tempo actual – o tempo da individualidade, da originalidade – do que como será julgado no futuro.
- 33 O que me permite aceitar como facto a existência duma geração de escritores da guerra colonial tem a ver, além das balizas do tempo e do tema, com a forma como o fizeram e fazem. Tem a ver com o olhar sobre o que se escreve.

O que se escreve

- 34 O que se escreve e escreveu na literatura portuguesa sobre este tema tem sido classificado, nomeadamente por João de Melo, como literatura da guerra colonial, literatura de combate e literatura da libertação.
- 35 Esta classificação tem a vantagem de conter os 3 elementos essenciais para abordarmos o que se escreve e escreveu sobre a guerra colonial portuguesa :
- Guerra colonial remete para a componente ideológica e política desta guerra.
 - Combate remete para a componente armada, militar, operacional da guerra.
 - Libertação remete para o oponente, o adversário, o outro, o inimigo sem o qual não há guerra.
- 36 A componente ideológica e política desta guerra é, do meu ponto de vista, balizada por duas constantes : o Império e o Ultramar.

- 37 As grandes ideias – a ideologia – e a sua aplicação – a política – são os dois grandes pilares que sustentam a guerra colonial, estão sempre presentes nas obras sobre ela e têm, a meu ver, raiz no mito português do Império. Isto é, na interpretação que os portugueses fazem do império e que é diferente da dos outros povos que também foram potências coloniais.
- 38 Para os portugueses o Império é uma fuga. Ameaçados pelo grande vizinho espanhol fugimos para o mar. O Império, para os portugueses, foi um local de refúgio.
- 39 Se consideramos o império português como um local de refúgio, tornam-se claras, ou mais claras, as grandes constantes da literatura portuguesa da guerra colonial e as diferenças com as de outros povos europeus, nomeadamente os franceses e os ingleses.
- 40 Para os portugueses, perdido o Brasil e o pouco que restava da Índia (Goa, Damão e Diu), as colónias africanas, o império que sobrou, eram a última oportunidade de existirmos – tese sempre presente nas obras dos situacionistas/nacionalistas. Ou eram o local onde deixaríamos de existir – tese dos oposicionistas.
- 41 No fundo, ambos pensavam o mesmo : sem colónias não havia Portugal. A única diferença estava em que os nacionalistas eram (ou queriam fazer que eram) optimistas e os oposicionistas eram assumidamente pessimistas, na linha do tradicional decadentismo português.
- 42 As consequências desta unidade de pensamento à volta do Império estão abundantemente reflectidas na literatura sobre a guerra colonial. O facto de sermos um império de aflitos, de vivermos sempre na aflição do fim, conduziu a uma literatura sem heróis nem vilões.
- 43 Não existem heróis na literatura da guerra colonial : existem « tipos » que se portaram bem numa determinada situação : o que foi socorrer o camarada ferido, o que se sacrificou pelo outro. Também não existem grandes vilões, apenas « tipos » que se portaram mal.
- 44 Permitia-me aqui referir duas obras dificilmente classificáveis e que, não dizendo respeito ao período da guerra colonial, a explicam melhor que muitas das desse período. São elas *Glória* e *Um*

Herói Português – Paiva Couceiro de Vasco Pulido Valente. No primeiro, uma biografia de Vieira de Castro, revela este político oportunista que é condenado ao degredo em Angola por assassinio da mulher. Acaba por morrer sem glória numa Luanda mulata e esquecida. No segundo, um militar quixotesco, Paiva Couceiro, destrói por pura bravata o acordo que o colono (sertanejo) Silva Porto estabelecera com o rei Ndunduma, provocando, por vergonha de falta à palavra dada, o suicídio do português, e desencadeando uma nova revolta dos angolanos.

- 45 A guerra colonial será a continuação desta política. As colónias serão sempre um local de degredo para os portugueses e de incompreensão dos africanos.
- 46 Será sempre com o Império presente que a literatura da guerra colonial se desenvolverá, mas a linha divisória entre os adeptos dela e os oposicionistas estabelece-se sobre um outro conceito, o conceito de Ultramar. O que divide os escritores portugueses é o modo como tratam o « Ultramar », não o Império.
- 47 Para os adeptos da guerra, o Ultramar era o Império com outro nome, para os oposicionistas, o Ultramar era um lugar sem grandeza onde uns portugueses ganhavam a vida explorando os negros e outros combatiam e morriam para manter essa exploração.
- 48 A literatura reflecte esta dicotomia. E, num parêntesis que tem a ver com a realidade política que esteve na origem do movimento dos capitães e da revolução do 25 de Abril e das suas consequências no tempo de descolonização que se seguiu, refira-se que a descolonização e as divergências à sua volta assentam, a meu ver, na dificuldade de relacionamento entre os conceitos de Império e de Ultramar.
- 49 De facto, os portugueses eram, de modo geral, filhos do Império, da extrema-esquerda à extrema-direita todos estavam mergulhados no mito do
- 50 Império. O Império era a nossa história. A grande divergência era o que fazer com o Ultramar. O grande problema é que não era possível manter o Império e alienar o Ultramar. Nós gostávamos do Império, do Ultramar é que não. Ainda temos o Império na nossa cabeça, no nosso imaginário, mas não temos o Ultramar.

- 51 Os adeptos da guerra nunca conseguiram fazer passar a ideia de que existia um combate pelas grandezas do Império e foram os oposicionistas que impuseram o conceito de degredo numa geração mobilizada para fazer a guerra por um Ultramar que era apenas um lugar detestável, que não sentiam como seu e pelo qual não valia a pena combater.
- 52 É curioso reparar como quase toda a literatura sobre a guerra colonial é uma literatura de lamento contra o Ultramar, mas nunca de negação do Império. Lamentam-se os perigos, as condições em que os soldados faziam a guerra, a distância a que estavam de casa e lamenta-se ainda a mediocridade do presente comparada com as glórias do passado, lamentam-se as acções ignóbeis daqueles que deviam fazer a glória do Império – os administradores coloniais, os colonos, os missionários que o denegriam com os seus actos, como é o caso das descrições de colonos e administradores corruptos ou desleixados, de missionários traidores, de militares desertores.
- 53 Estamos já a falar de literatura de combate, do modo como os portugueses reflectiram a guerra na literatura.
- 54 O Professor Rui Teixeira, da Universidade Aberta, porventura o melhor especialista da literatura portuguesa sobre a guerra colonial, sobre o qual publicou *Guerra Colonial e o Romance Português*¹, *A Guerra e a Literatura*² e *o Leitor Hedonista*³, sintetiza em três palavras os temas característicos deste género literário : Orgulho, Culpa e Nostalgia.
- 55 Para Rui Teixeira, os trabalhos literários vindos a público antes do 25 de Abril, os dos adeptos do regime, são caracterizados pelo Orgulho, surgem com um « capacete ideológico », fazem a defesa apaixonada do heroísmo, dos valores viris e do militarismo. É uma literatura de « lunáticos princípios, não vê a realidade »; nela inclui os nomes de Reis Ventura, Amândio César, Armor Pires Mota, Couto Viana mas também de alguns que publicaram após o 25 de Abril como Alpoim Calvão e Barão da Cunha, dois militares.
- 56 Após a revolução, surgem os textos do ajuste de contas com a guerra colonial. Uma literatura com a base emocional da Culpa, nas suas grandes linhas auto-punitiva, antimilitarista e anti-heróica. Muitas vezes autobiográfica e que em boa parte constitui a contraface

ideológica da literatura de exaltação colonial. Nesta categoria inclui Rui Teixeira obras como « Corpo de Delito » de Eusébio Cardoso Martins, « Miguel Várzea, Alferes e Paisano » de Carlos Urgel Dirceu, « Ombro, Arma » de José Manuel Mendes, « Uma Noite na Guerra » de Carlos Coutinho, « Primeira Coluna de Napainor » de António S. Viana, entre outros.

- 57 Rui Teixeira considera que os melhores momentos da literatura da guerra colonial devem conter a poesia de Bação Leal, Manuel Alegre ou Assis Pacheco, o drama *Um Jeep em Segunda Mão* de Fernando Dacosta, o diário *Jornal de Campanha* de Liberto Cruz, a prosa de Joana Ruas.
- 58 Quanto ao romance, aponta oito « obrigatórios »: *O Capitão Nemo e Eu* de Álvaro Guerra, *Lugar de Massacre* de José Martins Garcia, *Os Cus de Judas* de António Lobo Antunes, *Percursos* de Wanda Ramos, *Nó Cego* de Carlos Vale Ferraz, *A Costa dos Murmúrios* de Lídia Jorge, *Jornada de África* de Manuel Alegre e *Os Navios Negreiros Não Sobem o Quando* de Domingos Lobo.
- 59 Com esta ou outra lista e independentemente de apreciações estéticoliterárias, num conjunto de obras eleitas sobre a guerra colonial encontramos algumas constantes :
- O desconhecimento da realidade colonial por parte da sociedade portuguesa e do confronto com essa realidade a que foram sujeitos os seus protagonistas – militares e civis. A estupefacção.
As perguntas mais frequentes que podemos retirar das obras sobre a guerra colonial são : Porque estou aqui? O que estou aqui a fazer?
São as perguntas de homens vulgares apanhados numa esquina da história.
 - A antiheroicidade dos protagonistas, a sua descrença numa saída vitoriosa para a guerra, a resignação que os levava a cumprir os mínimos – estamos muito longe da literatura de Jean Lartéguy na sua trilogia *Centuriões*, *Pretorianos* e *Mercenários*, ou de *Os Boinas Verdes* que alimentaram a imaginação de alguns militares portugueses no início da guerra.
 - Acima de tudo a Nostalgia. A nostalgia da aventura (por muito que a aventura seja vilipendiada), a nostalgia da juventude. Afinal todos tínhamos vinte anos... e, acima de tudo, por muito que nos custe e mais uma vez, a irremediável nostalgia do Império...

- 60 Por fim, porque a guerra não se fez sem o outro, sem o adversário, o inimigo, umas breves considerações sobre o modo como ele surge na literatura da guerra colonial.
- 61 Para os autores de antes do 25 de Abril e para aqueles que defendem a guerra, o inimigo é o negro. Ao negro mau, o « turra », o terrorista traiçoeiro ao serviço do comunismo, jamais tratado por guerrilheiro – a quem nunca é reconhecida a qualidade de combatente – opõe-se o negro bom, o que « trabalha » com a tropa portuguesa como guia ou intérprete, o « recuperado » que abandonou a luta e os seus companheiros para se juntar aos portugueses – nunca tratado como traidor, mas como um convertido.
- 62 O inimigo é ainda o mulato, uma figura negativa que engana os negros e os portugueses. Normalmente um cobarde. E também o estudante branco, o comunista, o traidor à Pátria.
- 63 Para os autores pós-25 de Abril, o negro, o africano em geral, é o explorado, o herói da História. Sempre um lutador pela liberdade e a independência.
- 64 O inimigo é o regime e os seus agentes : os militares profissionais, os administradores e funcionários coloniais, os colonos em geral – sempre brutos e boçais.
- 65 É esta visão a preto e branco – quase literalmente – que muita da literatura da guerra colonial transmite.
- 66 As obras referenciadas no cânone de Rui Teixeira, pelo menos essas, evitam essa dicotomia.
- 67 O que se escreve e escreveu sobre a guerra colonial dá-nos uma ideia do olhar que a geração da guerra tem sobre África. Ao contrário da literatura de viagens, da literatura romântica, a África retratada na literatura da guerra colonial é uma África em guerra, não há, normalmente, descrição de belas paisagens, mas de picadas poeirentas ou enlameadas, infestadas de minas, a floresta é uma ameaça donde pode surgir uma emboscada. O clima é agreste, húmido e tórrido. A atmosfera está carregada de electricidade, os mosquitos mordem os corpos. É a África do « mato », dos quartéis isolados, cercados de arame farpado.

- 68 Não abundam também descrições dos costumes dos africanos que são reduzidos a estereótipos, gentes pobres, famintas, que vivem em aldeias junto dos quartéis e que servem, as mulheres de « lavadeiras», os homens de « guias» e de « carregadores» nas operações militares. Gentes de quem a tropa desconfia terem ligações com os guerrilheiros.
- 69 O que se nota nesta literatura é um grande desconhecimento de África – quase não existem apontamentos antropológicos, nem curiosidade em conhecer os africanos. O desejo é que a comissão de dois anos passe depressa e sem problemas. Uma obra de Vasco Lourenço, capitão do quadro permanente e mais tarde um dos mais importantes capitães do Movimento das Forças Armadas, tem mesmo o sugestivo título *No Regresso Vinham Todos*.
- 70 O que se escreve e escreveu tem também a ver com o lugar onde a guerra foi vivida. As obras retratam maioritariamente a guerra em Angola e em Moçambique. São mais raras as que têm a Guiné-Bissau como cenário. Um exemplo é *As Lágrimas de Aquiles* de José Manuel Saraiva.
- 71 A Guiné, a guerra na Guiné, é de facto dificilmente *romanceável*. Era uma guerra ainda menos heróica que a dos outros territórios. As tropas portuguesas viviam fechadas nos seus quartéis, sujeitas aos ataques dos guerrilheiros do PAIGC. Os dramas passavam-se no interior dos abrigos, sem muito mais a fazer que esperar que o ataque findasse.
- 72 Voltando ao tema da Nostalgia ele é, em minha opinião, o grande tema das mais recentes obras da literatura da guerra colonial. Essa nostalgia é muito evidente nas obras que têm saído e que se apresentam sob a forma de diários ou de recolha de correspondência enviada pelos militares para as suas famílias, mulheres, noivas, namoradas.
- 73 Hoje os antigos militares expõem as suas intimidades. É o caso de Lobo Antunes que publicou – através das filhas – as cartas enviadas a sua mulher, e do recente *Diário da Guiné* de António Abreu.
- 74 Mas a que Nostalgia se referem estas obras trinta anos depois de ela ter findado? Ao desejo de voltar a África, de rever o lugar da aventura ou, pelo contrário, ao desejo de regressar ao seu país e ao seu meio?

- 75 É claramente a Nostalgia do regresso a casa, à metrópole. A geração que fez a guerra não tem boas recordações de África. Pelo menos na literatura da guerra colonial, África é uma má recordação. Raramente surgem nos textos referências positivas, agradáveis. Não existem paraísos. A descrição no *Nó Cego* do tempo passado por militares dos « comandos » na Ilha de Moçambique é um dos raros casos de encantamento por uma terra, por um lugar de África. Mas eu sou apaixonado pela Ilha de Moçambique!
- 76 Um outro aspecto da literatura da guerra colonial é, ao contrário de outras literaturas de guerra, a ausência de determinadas obras típicas. Obras que a literatura da guerra colonial não tem :
- Não há obras que possamos classificar como « de quartel-general », isto é, obras onde surjam no centro da trama os homens que conduziram a guerra, os políticos, os generais, o seu estado-maior, as dúvidas dos chefes, os seus conflitos. E todos sabemos que existiram esses conflitos, entre Kaúlza de Arriaga e Marcelo Caetano, entre Spínola e Marcelo Caetano, entre generais, entre generais e governadores. Mas não há obras sobre eles.
 - Não há biografias, romanceadas ou não, dos grandes actores da guerra. Não há romances sobre Spínola, sobre Kaúlza de Arriaga, sobre militares que participaram em grandes operações.
 - Não há romances sobre as grandes operações. *Nó Cego* continua a ser um caso raro a propósito da operação « *Nó Górdio* » realizada no Norte de Moçambique em 1970. Não existe, por exemplo, um romance sobre o Dien Bien Phu da guerra colonial portuguesa e que ocorreu em Maio de 1973 em Guileje e Guidage na Guiné-Bissau.
- 77 As obras relatam os pequenos/grandes dramas individuais, ou das pequenas unidades, o pelotão, a companhia. Não existe um grande plano, um grande fresco. Definitivamente, a literatura da guerra colonial não terá a sua epopeia. Não haverá nem *Lusíadas*, nem *Histórias Trágico-Marítimas* sobre ela.
- 78 Existe sim uma literatura da guerra colonial portuguesa construída por uma geração de escritores que nela participou.
- 79 Uma literatura determinada pelo mito do Império e pela sua versão menor e corrompida, o Ultramar. Uma literatura decadente, pessimista, antiheróica.

- 80 Quer os autores sejam defensores da guerra, quer opositores, não acreditam no futuro de Portugal. Os defensores propunham combater até à exaustão, os opositores evitar o combate.
- 81 É uma literatura tipicamente portuguesa, que contém nela quase sempre o mito do eterno retorno a um local e a um tempo longínquos e fantásticos que perdemos e a que, no fundo, não acreditamos que um dia voltaremos.
- 82 Nós somos portugueses.
- 83 Lisboa 31 de Janeiro de 2007

NOTES

- 1 Rui de Azevedo TEIXEIRA, *A guerra colonial e o romance português : Agonia e Catarse*, Lisboa, Notícias, 1998.
- 2 Rui de Azevedo TEIXEIRA, *A guerra e a literatura*, Lisboa, Vega, 2001.
- 3 Rui de Azevedo TEIXEIRA, *O Leitor Hedonista*, Lisboa, Hugin, 2003.

AUTEUR

Carlos Vale Ferraz

Escritor

IDREF : <https://www.idref.fr/02792842X>

ISNI : <http://www.isni.org/0000000118842546>

BNF : <https://data.bnf.fr/fr/11986616>